

12º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2021

Futebol, periferia e mulher: uma etnografia interseccional de um time amador de jogadoras de futebol na zona leste de São Paulo

ANA A. SILVA¹

¹Estudante do Curso Técnico em Informática para Internet integrado ao Ensino Médio
Área de conhecimento: 7.03.03.00-2 Antropologia Urbana

RESUMO: O futebol de mulheres é uma modalidade que tem crescido no Brasil no que diz respeito ao número de praticantes, à visibilidade midiática, à estruturação de um mercado profissional de atletas e de espaço nos clubes mais relevantes. Todavia, uma série de barreiras ainda se interpõem à sua consolidação, desde o caráter patriarcal do universo futebolístico a um histórico de proibições, estigmatizações e preconceitos. O presente projeto pretende continuar investigação iniciada em 2020 sobre o potencial da abordagem interseccional no futebol de mulheres, agora focando em como as atletas amadoras residentes na periferia da cidade de São Paulo vivenciam suas trajetórias e constroem projetos de vida no cotidiano periférico e a partir de marcadores sociais de classe, gênero, raça e sexualidade. Para isso, a pesquisa mobiliza as estratégias metodológicas da etnografia, para captar in loco as experiências coletivas, e de entrevistas qualitativas individuais, com o intuito de reconstruir biografias das jogadoras.

PALAVRAS-CHAVE: futebol; mulher; periferia; interseccionalidade; etnografia; feminismo.

Soccer, periphery and women: an intersectional ethnography of an amateur soccer team in the east side of São Paulo

ABSTRACT: Women's football is a sport that has grown in Brazil with regard to the number of players, media visibility, the structuring of a professional market for athletes and space in the most relevant clubs. However, a series of barriers still stand in the way of its consolidation, from the patriarchal character of the football universe to a history of prohibitions, stigmatization and prejudice. This project intends to continue research started in 2020 on the potential of the intersectional approach in women's football, now focusing on how amateur athletes residing in the outskirts of the city of São Paulo experience their trajectories and build life projects in the peripheral daily life and from social markers of class, gender, race and sexuality. For this, the research will mobilize the methodological strategies of ethnography, to capture collective experiences in loco, and individual qualitative interviews, in order to reconstruct the biographies of the players

KEYWORDS: soccer; women; periphery; intersectionality; ethnography; feminism.

INTRODUÇÃO

Depois de passar quase quarenta anos proibido, o futebol de mulheres no Brasil segue extremamente precário e amador quando comparado ao masculino. A partir disso, a antropóloga

Mariane Pisani (2018) encontrou em sua pesquisa diversas barreiras e violências sofridas pelas mulheres que tentam seguir por esse caminho, tendo seu acesso aos espaços esportivos negado e seu corpo fetichizado, além de serem silenciadas, não terem nenhum incentivo e serem cobradas por bons resultados mesmo que tenham severas dificuldades estruturais.

O resultado disso é a dificuldade em traçar a linha entre lazer, amadorismo e profissionalismo quando se fala sobre futebol de mulheres e a possibilidade de formular projetos de vida a partir dele – essa dimensão é fundamental na nossa própria pesquisa. A autora Caroline Soares de Almeida (2013 apud PISANI, 2018) esquematiza essa dinâmica em quatro estágios. Para uma mulher tornar-se jogadora, o primeiro reconhecimento esperado é o familiar. O segundo é relacionado aos campeonatos e à possibilidade de jogar o ano inteiro. O terceiro é relacionado à subsistência apenas enquanto futebolista. E o quarto é o reconhecimento do público, dos patrocinadores, da imprensa e da sociedade enquanto mulher jogadora de futebol. (PISANI, 2018)

A intenção do projeto é descobrir, com auxílio da observação etnográfica e de entrevistas qualitativas individuais, quais as relações das jogadoras com os lugares periféricos onde praticam e treinam, com seus próprios corpos, como lidam os estigmas e preconceitos que percebem envolver sua prática, além da maneira como o futebol se apresenta como campo de possibilidades para a formulação de seu projeto de vida (VELHO, 2003).

Para isso, foi escolhida a equipe Rosas de Aço F.F., de Sapopemba, criada por duas mulheres com a intenção de oferecer oportunidades a mulheres e meninas que queiram conhecer e jogar futebol. Seus treinos são realizados semanalmente, divididos entre quadra e campo e sem distinção de idade, tamanho ou corpo.

MATERIAL E MÉTODOS

1. Revisão bibliográfica sobre raça, gênero, interseccionalidade, periferia, etnografia e futebol de mulheres.
2. Pesquisa empírica e etnográfica:
 - 2.1. Visitas aos treinos e campeonatos.
 - 2.2. Entrevistas com jogadoras, treinadores e pesquisadores que estudam ou vivem a relação entre futebol e os eixos de recorte.
3. Análise de dados: estabelecimento de relação entre as jogadoras de futebol amador periféricas e a formulação e construção dos seus projetos de vida e das suas identidades individuais a partir da sua percepção de múltiplas modalidades de preconceito e estigmatização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Rosas de Aço foi escolhido por três motivos. O primeiro foi a disposição das presidentas do clube. A comunicação foi realizada com vários times, mas apenas elas se mostraram interessadas numa primeira entrevista e numa visita. O segundo foi uma análise das redes sociais. O *Instagram* da equipe, apesar de menos profissional, continha diversas fotos das atletas, de campeonatos, treinos e até prêmios, além de ser possível notar grande diversidade dentre as jogadoras. O terceiro e último motivo foi a proximidade. Apesar de longe, Sapopemba foi um dos lugares mais próximos para a pesquisadora, possibilitando mais visitas ao decorrer da pesquisa.

Vale trazer aqui algumas reflexões baseadas em registros de diário de campo.

A primeira entrevista foi realizada de maneira remota com uma das presidentas. A grade de perguntas foi separada em três focos: história da equipe, interseccionalidade e futebol de mulheres. Conversamos durante aproximadamente 40 minutos, e foi ali que a pesquisa se iniciou. Mulher branca, moradora de São Mateus, bairro vizinho de Sapopemba, contou sobre a história do Rosas de Aço, que foi criado junto com a outra presidenta, sem muitas expectativas. Com disciplina e persistência, o time

começou a crescer cada vez, tendo em maioria jogadoras negras e mais novas, todas periféricas. Michele contou sobre o preconceito que sofriam nos campeonatos e treinos, cravado por gênero, raça, sexualidade e corporeidade. A violência, que já chegou a deixar de ser verbal e se tornar física, vinha de todos os lados: dentro dos organizadores dos campeonatos, das arquibancadas e até mesmo das jogadoras adversárias. Apesar disso, ela afirmou que há união entre os times periféricos, que tem costume de ajudar uns aos outros com equipamentos e motivação. Também disse que o Rosas se preocupa bastante com a sua região, já que tem costume de criar vaquinhas e arrecadações de alimentos, roupas e brinquedos para auxiliar o crescimento da comunidade. Isso, porém, não é recíproco, visto que ela alertou sobre a falta de auxílio e patrocínio dos comércios da região, que muitas vezes ajudam os times formados por homens.

Dias mais tarde, nova visita ao Rosas num treino. O lugar era grande, com três quadras, sendo todas elas ocupadas por homens. A presidenta entrevistada chegou com outras três garotas, acompanhadas por um menino, todas jovens. Duas tinham a pele retinta, e nenhuma tinha o corpo magro. Conversei um pouco com ela antes do treino começar, e ela parecia estressada, já que o time do Rosas não estava treinando. A fundadora afirmou que, com a pandemia, elas perderam seu lugar para treinar, visto que as unidades de educação estavam fechadas, então passaram a treinar naquele espaço particular. Ela afirmou que todos ali eram clandestinos, mas que o lugar sempre tinha aglomerações e praticamente ninguém usava máscara ou álcool gel. Ela também disse que, durante aquele tempo, estavam treinando naquele campo junto com outra equipe, mas alegou que não tinham comprometimento. Naquele dia,, essa equipe tinha viajado e dito que voltaria a tempo, o que não aconteceu. As meninas fizeram um treino simples de finalizações, mas não pareciam concentradas.

A segunda visita foi no primeiro dia da 1º Copa de Futsal Feminino Universo 2021. Foram escolhidos seis times da região para se enfrentar, sendo o jogo do Rosas o último. Infelizmente, pouco consegui conversar com as presidentas ou as jogadoras, que estavam bastante concentradas no início e acabaram se dispersando na vitória após sua vitória. Mesmo assim, foi possível perceber algumas coisas. Na arquibancada, haviam muitos casais presentes, tanto héteros como lésbicos. Sentei-me perto das jogadoras de uma das equipes do segundo jogo. Elas estavam eufóricas com a vitória, falando alto e assistindo. Eram mulheres mais velhas, em maioria brancas e magras. Uma delas estava acompanhada de um homem, aparentemente seu cônjuge, e era a única gorda dentre as presentes. Elas estavam brincando de encontrar, dentre as jogadoras que estavam dentro do campo, algumas que fossem parecidas com as jogadoras de seu próprio time. As mulheres conversavam, debochando da pandemia, da utilização de máscaras e do distanciamento social. Um dos assuntos mais citados era sobre o corpo das atletas, afirmando que uma delas estava "mais gordinha" e por isso tinha sido o centro das atenções da partida. Também me chamou atenção quando uma das mulheres, a mais retinta, começou a afirmar que uma das outras tinha feito "macumba" para que o gol dela não saísse.

Além de chamar atenção para vários pontos específicos nessa relação entre partida e arquibancada nos campeonatos regionais, outra coisa me chamou atenção. O mais presente nas arquibancadas era uma garrafa de cerveja e vários copos, o que acontecia depois dos jogos de todas as equipes, e algumas vezes até antes. Essa percepção tornou necessária a investigação sobre a relação entre lazer e esses espaços. Mais tarde, num outro treino, isso seria visível novamente, mas de uma forma bastante diferente: enquanto as mulheres procuravam as quadras para treinos disciplinados, os homens buscavam por diversão.

A última visita foi realizada em agosto. A quadra fica bem localizada, perto da Av. Sapopemba, que fica a cerca de duas horas da minha casa. O treino já havia começado. A entrada parece a de uma escola pública comum, com mesas de pedra redondas espalhadas em frente a um pequeno bar. As regras explícitas em cartazes são: não levar bebidas de fora e não jogar bola no pátio.

Há uma pequena arquibancada com um banco de pedra. No canto de fora do banco, havia uma garota e um garoto, sendo ela a única no lugar que usava máscara, no queixo. Estavam conversando baixo e assistindo ao treino. Mais tarde, chegariam outros que também se sentaram e fizeram a mesma coisa. No outro canto do banco, havia um grupo de homens. Estavam vestidos com roupas esportivas, com copos e garrafas de cerveja, rindo e conversando. Eles não se comunicavam com as garotas do treino, apesar de estarem sentados de frente para elas. Na lateral da quadra, em cima, um grupo de homens fazia churrasco e fumava narguilé. Também não se comunicavam com as meninas. Algum tempo mais tarde, outros surgiram. Eles entraram pelo pátio e foram direto ao bar, mas no caminho, começaram a gritar algumas coisas para as meninas dentro da quadra. Eles estavam rindo e as meninas pareciam estressadas, gritando de volta para que eles ficassem quietos e coisas do tipo. Ninguém, inclusive eu, entendeu o que os homens disseram. Segundos depois, elas pareceram não se importar, como se fosse algo corriqueiro.

Assim que cheguei, a primeira presidenta com quem conversei veio ao meu encontro. Cumprimentamo-nos e ela me apresentou um homem, namorado de uma das jogadoras, que trabalhava como preparador físico e estava treinando as meninas esses dias. Já sentada na lateral da quadra, onde elas deixavam as mochilas, comecei a observá-las. A maioria das meninas eram negras e magras, entre os 16 e 25 anos. Apenas as presidentas e uma outra mulher pareciam mais velhas que isso. Havia algumas com a pele mais clara ou com os corpos mais gordos, mas não parecia ter nenhuma distinção entre elas. Elas usavam roupas esportivas, sendo próprias para jogo ou não, além de chuteiras e cabelos muito bem presos, em coque ou rabo de cavalo. Apenas três tinham penteados diferentes: uma das mais velhas, que tinha um corte de cabelo bem rente, e outras duas que usavam black power. A maioria tinha tatuagens nos braços ou pernas.

Bem no início, algo me chamou muita atenção. Quando o jogo acabou e o professor foi trocar algumas meninas, ele sorriu e comentou alegre com uma delas por ela ter arrumado uma chuteira. Ela, por sua vez, apontou para uma outra, que estava com meião, tornozeleira e chinelo, porque havia emprestado sua chuteira. Durante o treino todo, elas ficaram revezando. Mais tarde, a segunda presidenta saiu do treino por estar sentindo dor na perna e logo entregou sua chuteira para que elas duas pudessem jogar juntas. Ela comentou comigo logo depois que isso era recorrente, porque nem todas as meninas tinham chuteiras.

Conversando com algumas das meninas lá, muitas coisas chamaram minha atenção. Uma das garotas que havia entrado recentemente na equipe parecia estressada. Ela reclamou sobre sua própria performance, alegando ter dificuldades para finalizar a jogada porque tinha costume de jogar com meninos, então invés de chutar para o gol, dava a bola para eles. Ela também reclamou sobre sua relação com o pai, que não gostava que ela fosse aos treinos, mesmo que ela já tivesse 21 anos. Outra garota, que avisou que havia parado de jogar por um tempo e voltado recentemente, também reclamava sobre sua performance, dizendo que começara a trabalhar e era muito difícil fazer as duas coisas.

Por fim, fiquei bastante impressionada com o professor técnico. Ele era bastante atencioso com todas as atletas. Perguntava para todas as novas se elas estavam bem e se tinham alguma dúvida, repetia diversas jogadas auxiliando as jogadoras a fazerem coisas diferentes para ver o que ia acontecer e como ia acontecer, e também se preocupava com as que estavam mais cansadas, retirando-as dos jogos quando necessário. Uma das novas, que tinha asma, saiu de campo mais de uma vez com falta de ar porque ele pediu. A segunda presidenta disse que, normalmente, ela, a outra presidenta e a outra jogadora mais velha de cabelo curto que acabavam treinando as outras, mas o preparador tinha mais habilidade e experiência com isso. No final, fomos todos juntos até um ponto de ônibus.

Os próximos passos da pesquisa são as entrevistas com a outra presidenta, que se afirmou tímida e parece relutante, com o técnico/preparador, e algumas jogadoras. Além disso, entendemos que é necessário organizar melhor as categorias da interseccionalidade para analisar os dados empíricos coletados, o que também será realizado. As visitas continuarão acontecendo até o mês de novembro, com expectativa de observar a participação em campeonatos e copas, tanto totalmente amadoras quanto mais organizadas.

CONCLUSÕES

Entendendo que o projeto ainda não foi finalizado, são poucas as conclusões que pudemos tirar. Assim como visto na tese da Mariane Pisani, é possível enxergar todas as características de um time amador organizado no Rosas, entendendo que há pouquíssimo apoio estatal ou da comunidade, mas mesmo assim as jogadoras parecem comprometidas com a equipe e com a vitória dos jogos. Atualmente, com a queda de casos de COVID-19 e a flexibilização das medidas restritivas, os campeonatos passam a ser frequentes e muito disputados, o que fez o número de atletas nos treinos crescer (o que pode ser visto comparando os dois treinos observados pela pesquisadora e até mesmo as fotos e postagens no *Instagram* da equipe).

As diretoras da equipe aparentam ser bastante focadas e orgulhosas do que já foi feito. Elas apresentam consciência e organização política, visto que chegaram a fazer campanhas nas últimas eleições para deputados, além de fazerem postagens nas redes sociais defendendo a igualdade de gênero e os movimentos LGBTQIA +. Aparentemente, isso é importante para elas, visto que conhecem e comemoram diversas datas comemorativas desses grupos em suas redes sociais, além de demonstrarem, dentro e fora de campo, uma preocupação com a inclusão de todas as mulheres que se dispuserem a jogar, mesmo que algumas tenham mais experiência do que outras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço meus pais, minha instituição e meus amigos por entenderem a importância desse trabalho. Agradeço as jogadoras por sua persistência, e também as exalto. Por fim, agradeço meu orientador por me dar a motivação necessária para continuar em tempos conturbados.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. Cruzando o Atlântico em memória da interseccionalidade. In: AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade: feminismos plurais**. São Paulo: Pólen Livros, 2019. Cap. 1.

AZERÊDO, Sandra. Teorizando sobre gênero e Relações Raciais. Estudos Feministas, Florianópolis, p. 203-216, 1994.

COLLINS, Patricia Hill; BIRGE, Silma. O que é interseccionalidade? In: COLLINS, Patricia Hill; BIRGE, Silma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021. Cap. 1.

DAVIS, Angela. O legado da escravidão: parâmetro para uma nova condição de mulher. In: DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. Cap. 1.

DAVIS, Angela. O movimento antiescravagista e a origem dos direitos das mulheres. In: DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. Cap. 2.

DAVIS, Angela. Classe e raça no início da campanha pelos direitos das mulheres. In: DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. Cap. 3.

PISANI, Mariane. “Sou feita de chuva, sol e bairro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese de doutorado em Antropologia. PPGAS/USP, FFLCH. São Paulo - 2018.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.